

---

## Reflexões sobre a práxis jornalística: questões de raça e violência nas pautas e fontes da Ponte Jornalismo<sup>1</sup>

Edilaine Heleodoro Felix<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

O presente texto apresenta as questões da objetividade jornalística a partir das pautas e das fontes abordando temáticas de raça e gênero. A pesquisa tem como objetivo analisar a pauta e o uso das fontes em uma reportagem da Ponte Jornalismo sobre violência contra a população negra. A reflexão utiliza conceitos de jornalismo, raça, decolonialidade e revela um fazer jornalístico sem vícios e preconceitos.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Fontes; Raça; Violência; Ponte Jornalismo.

### INTRODUÇÃO

No final do século 19, período pós-escravidão, encontraremos na imprensa, formada por uma elite branca, um tratamento de inferioridades em relação a populações não-brancas (não que seja muito diferente nos dias atuais, século 21). Questões fundamentais sobre raça, classe, gênero e território sempre estiveram à margem dos projetos e práticas da imprensa e, com isso, foram ganhando espaço a naturalização das diferenças, das desigualdades e dos apagamentos, temas que contribuem para reflexões acerca de como a objetividade jornalística precisa ser pensada numa perspectiva de raça, gênero e território.

Na introdução de *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* (2020), os autores afirmam que o racismo também será um princípio organizador daqueles que podem formular um conhecimento científico legítimo e daqueles que não podem. A

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda e mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP), jornalista pela Universidade de Mogi das Cruzes, professora do curso de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul. e-mail: [efelix@usp.br](mailto:efelix@usp.br).

---

imprensa, que tem esse papel de poder e de detentora de conhecimento, reproduz as diferentes formas de racismo (e de outros preconceitos) num jornalismo acima de qualquer suspeita que, como escreve Moraes, se torna responsável pela estigmatização de pessoas e grupos.

Verônica Maria Alves Lima escreve que a própria reestruturação do jornalismo - suas características técnicas, valores e finalidades - torna-se diretamente ligada à consolidação e reprodução da colonialidade. Em *Contribuições dos estudos decoloniais para pesquisa e prática do jornalismo* (2022) a autoria pontua que a perspectiva decolonial permite não apenas um olhar mais profundo sobre o que representa o jornalismo e sua prática na sociedade contemporânea, mas também instiga a observação das práticas que se diferenciem ao apresentar outras formas possíveis de abordagens, “a partir de olhares mais plurais, que contemplem aspectos e grupos sociais historicamente marginalizados pelo paradigma moderno-capitalista” (Lima, 2022, p. 79). Sendo assim, considera “discutir possíveis inovações e insurgências na prática jornalística sob o viés decolonial também implica, portanto, olhar e analisar a reestruturação epistêmica do jornalismo” (Lima, 2022, p.79).

Ao nos apresentar uma proposta epistemológica para entender como o campo da comunicação se constituiu, Muniz Sodré diz que nenhuma ciência se resume apenas a um repertório de enunciados tidos como verdadeiros: ela implica também um discurso autoexplicativo, que costuma acompanhar a sua integração com os sistemas técnicos e industriais (Sodré, 2009, p. 88). O discurso jornalístico, portanto, busca produzir legitimidade, conferir importância ao fato que se tornou notícia, visando causar impactos na sociedade.

## **METODOLOGIA**

Para refletir sobre questões de objetividade jornalística a partir de uma perspectiva de raça e violência foi realizada uma pesquisa exploratória nos sites G1 e Ponte Jornalismo em busca de reportagens sobre violência contra a população negra. No entanto, optamos por analisar apenas o site da Ponte Jornalismo, que completa 10 anos em 2024, e que aumentar o alcance das vozes marginalizadas pelas opressões de classe,

---

raça e gênero A partir dessa escolha, para análise de pauta e fontes, elencamos a matéria “Sob Tarcísio, mortes de pessoas negras pela polícia cresceu 84% em 5 meses”<sup>3</sup>.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Marcia Veiga da Silva e Fabiana Moraes em *A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora* (2019) refletem acerca dos aspectos da noção de objetividade jornalística e suas relações com o machismo e o racismo nas estruturas de produção jornalística:

Todos os dias são centenas de exemplos que demonstram o quanto o jornalismo não vem sendo capaz de complexificar fenômenos sociais inspirados pelo machismo e pelo racismo, bem como pelo heterossexismo e o classismo. [...]. Nesse sentido, o jornalismo vem operando enredado às tramas de poder-saber, reproduzindo valores dominantes a partir das lentes de uma racionalidade excludente. (Veiga da Silva e Moraes, 2019, p. 12)

De acordo com as autoras, ao mesmo tempo em que não é uma tarefa fácil “reenquadrar uma ordem filosófica, econômica, política e cultural” ao sistema jornalístico, o jornalismo não pode deixar de ser partícipe, como um campo de saber e de poder, dos debates sobre a descolonização do pensamento que vêm sendo realizados há décadas e que receberam maior espaço nas discussões nos últimos anos. Debates esses ancorados a partir de estudos que pensam o jornalismo em decorrência de transformações estruturais e não meramente conjunturais (Rosa e Silva e Christofolletti, 2018) afetando todo o ecossistema informativo.

Como uma prática social, o jornalismo precisa ser pensado nas diferentes formas pelas quais se integra e se manifesta na realidade social. Observações decorrentes da noção de objetividade jornalística têm se aproximado de estudos decoloniais, de raça, feministas, de gênero, para contextualizações do processo de desumanização nas pautas.

Para Moraes, no livro *A pauta é uma arma de combate* (2022), colonialidade e objetividade não surgem em separados, pelo contrário: fazem parte de um mesmo processo de “outremização - ou seja, de transformar tudo que não cabe nos modelos predeterminados de existência em um outro estranho, exótico ou mesmo descartável” (Moraes, 2022, p. 36). O que Achille Mbembe chama “ocupação colonial”, de demarcação e afirmação do controle físico e geográfico feito pelo Estado, um exercício

---

<sup>3</sup> Sob Tarcísio, mortes de pessoas negras pela polícia cresceu 84% em 5 meses. Disponível em <https://ponte.org/sob-tarcisio-mortes-de-pessoas-negras-pela-policia-cresceu-84-em-5-meses/>

---

de soberania, de ocupação, que decide “quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (Mbembe, 2016, p. 135).

Este ciclo vicioso tem seu início na violência estrutural, na qual a população negra e pobre surge como a mais afetada por tragédias, conflitos, pandemias, sendo alvo de estigmatização, estereotipação e agressões perpetradas pelas estruturas de poder da sociedade, inclusive pela imprensa. A violência que se realiza em territórios periféricos são “as formas de matar” que Mbembe aponta em *Necropolítica*. “‘Mundos de morte’, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos’” (Mbembe, 2016, p. 146).

A relação de "deixar morrer/deixar viver" também se manifesta na prática jornalística, a qual valida normas e procedimentos. No contexto da cobertura jornalística, observa-se uma "geografia da perversidade", em que a influência sobre como a narrativa histórica será configurada está intrinsecamente voltada a elementos como cor, raça e território. Surge, assim, uma "camisa de força discursiva", na qual pautas vinculadas às periferias e favelas são relegadas a um "menu reduzido", abrangendo apenas temas relacionados à violência, pobreza e assistencialismo. (Moraes, 2022, p. 40)

É perfeitamente possível promover uma reflexão a partir da análise crítica dessa práxis, caracterizada por Moraes como uma forma colonial profundamente enraizada no exercício jornalístico. Nesse paradigma, questões relacionadas a raça, gênero e território perpetuam uma perspectiva que inevitavelmente aponta para desigualdades, desumanização, exotização, assistencialismo, violências e estereótipos, ou a combinação desses pontos.

Verônica Lima destaca que as narrativas geradas pela mídia e pela prática jornalística não apenas funcionaram como instrumentos para consolidar o poder no contexto moderno-capitalista, mas também sustentaram os imaginários e conceitos que moldam a racionalidade ocidental até os dias atuais.

## **CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA**

Apesar dos esforços e das pequenas mudanças realizadas na imprensa hegemônica, de dispositivos utilizados (editorias de diversidade, comitês de inclusão, projetos com ações afirmativas) para um jornalismo antirracista, ainda é sofrível o processo de busca de fontes variadas e compatíveis com os assuntos (Moraes, 2022, p.

---

15) e as fontes de informação se mantêm, são as “eleitas” para darem seu testemunho, para falarem (Medina, 2011, P. 13).

Nilson Lage, no livro *Teoria e Técnica do Texto Jornalístico* (2005), chama de pauta o planejamento de matérias para um veículo ou de determinada matéria, em particular. E para o autor, essa estruturação depende de quem fala: se editores, que tendem a considerar o conjunto, ou se repórteres, aqueles que falam de pauta referindo-se ao projeto de matéria que lhe foi atribuído. E, na Ponte Jornalismo a pauta sempre consideram raça, gênero e território.

Por isso, a escolha da reportagem da Ponte Jornalismo, que analisa os dados dos boletins de ocorrência divulgados pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP) mostrando que de 312 vítimas mortas pelas polícias Civil e Militar de SP, 204 foram identificadas como pretas e pardas, e traz histórias de pessoas que foram vítimas negras, além da análise de especialistas. Em *Entrevista: o diálogo possível*, Medina (2011) diz que a seleção das fontes de informação terá de se enriquecer através da pluralidade de vozes e, ao mesmo tempo, da qualificação humanizadora dos entrevistados.

Como uma herança das ditaduras políticas permanece a voz oficial, aquelas que são *permitidas*, liberadas [...]. “As vozes discordantes, as proeminentes, não as colhidas no anonimato das comunidades, são também marginalizadas” (Medina, 2011, p. 13). Essa voz oficial não é prioridade na reportagem da Ponte Jornalismo, que traz as fontes oficiais no final da matéria e as vítimas negras são amplamente ouvidas na reportagem que, a partir de uma linha editorial que representa a diversidade política, cultural, étnica e social e na prática, produz um jornalismo com pautas antirracistas e decoloniais.

## CONCLUSÕES

Conforme já observado por Tuchman, a notícia desempenha o papel de um reflexo da sociedade, oferecendo um espelho das suas preocupações e interesses. Partindo de estudos que examinam a objetividade jornalística sob as lentes de raça, gênero, classe e território, nos quais as notícias são concebidas considerando essas perspectivas, é plausível argumentar que a configuração atual do jornalismo contribui para a perpetuação de um sistema de dominação.

Nesse sentido, como bem apontou Lima, o encontro entre os estudos decoloniais e a abordagem narrativa do jornalismo pode se configurar como um espaço para se contar

---

outras histórias possíveis para o jornalismo e sua conformação no ambiente simbólico-cultural contemporâneo. E a reportagem da Ponte Jornalismo contribui para um jornalismo antirracista ao defender pontos de vista variados, apresentar opiniões diferentes de maneira equilibrada e não tendenciosa no fazer jornalístico.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIMA, Verônica Maria Alves. *Contribuições dos estudos decoloniais para pesquisa e prática do jornalismo*. IN: SARDINHA, Antonio Carlos; LIMA, Verônica Maria Alves; LARA, Eloina Castro; BELMONTE, Valeria (Orgs.). **Decolonialidade, comunicação e cultura**. Macapá: UNIFAP, 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica** in: Artes e Ensaios n. 32, 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2011.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1ª ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

SILVA, Marcia Veiga da; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: Anais do 28º Encontro Anual da Compós, 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 30 jan. 2024.

ROSA e SILVA, Mariana; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Novas experiências de jornalismo no Brasil: potências e limites para uma nova governança social. **Revista Libero**, ANO XXI, No 41, p. 156-171, jan/jun. 2018. Disponível em <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/issue/view/51/showToc>. Acesso em: Acesso em: 30 jan. 2024.